

CIDADE EM CHAMAS

GARTH RISK HALLBERG

**Vocês são infinitos.
Eu vejo-vos.
Não estão sozinhos.**

teorema

Para Elise,
que acredita.

– Existe a sua ordem preciosa, esse candeeiro esguio de ferro, feio e estéril, e existe anarquia, luxuriante, viva, que se reproduz a si própria; existe anarquia, magnífica em verde e dourado.

– Ainda assim – respondeu Syme pacientemente –, neste momento, você só vê a árvore à luz do candeeiro. Pergunto-me se algum dia conseguirá ver o candeeiro à luz da árvore.

G. K. Chesterton,
O Homem Que Era Quinta-Feira

ÍNDICE

LIVRO I	Encontrámos o Inimigo e o Inimigo Somos Nós	1
	INTERLÚDIO O Negócio da Família	
LIVRO II	Cenas da Vida Privada	161
	INTERLÚDIO Os Artesãos do Fogo, PARTE 1	
LIVRO III	Liberty Heights	321
	INTERLÚDIO A Impossibilidade da Morte na Mente de Qualquer Pessoa Viva neste Momento	
LIVRO IV	Mónades	565
	INTERLÚDIO Ponte e Túnel	
LIVRO V	O Irmão Demoníaco	695
	INTERLÚDIO «Provas»	
LIVRO VI	Três Tipos de Desespero	781
	INTERLÚDIO Os Artesãos do Fogo, PARTE 2	
LIVRO VII	Na Escuridão	839

Prólogo

Em Nova Iorque, podemos encomendar seja o que for, que nos traze tudo a casa. Pelo menos, é por esse princípio que me estou a reger. Estamos a meio do verão, a meio da vida. Encontro-me num apartamento deserto na Rua 16 Oeste, a ouvir o plácido zumbido do frigorífico na assoalhada ao lado e, embora este contenha apenas meio pacote mesozoico de manteiga que os meus anfitriões deixaram para trás quando partiram para a beira-mar, dentro de quarenta minutos posso estar a comer mais ou menos tudo o que desejar. Quando era novo – mais novo, melhor dizendo –, até drogas se podiam encomendar ao domicílio. Cartões de visita com um número a começar por 212 e aquela solitária palavra, *entregas*, ou, mais comumente, uma treta qualquer sobre massagens terapêuticas. Nem acredito que me tinha esquecido disto.

Mas, enfim, a cidade está diferente, ou as pessoas querem coisas diferentes. Os arbustos que ocultavam as transações de mão para mão em Union Square já não existem e o mesmo aconteceu às cabinas telefónicas de onde ligávamos ao nosso traficante. Ontem à tarde, quando fui até lá a pé para espairer, estavam uns bailarinos de dança moderna a animar as hostes em câmara lenta, à sombra das árvores revitalizadas. Havia famílias ordeiramente sentadas em mantas, a uma luz cor de vinho. Estou constantemente a ver coisas destas em toda a parte, arte pública difícil de distinguir da vida pública, carros às pintinhas a deslizarem ao longo de Canal Street, quiosques de jornais envoltos em fitas, como prendas. Como se até os sonhos pudessem ser enumerados como opções no cardápio das experiências disponíveis.

Estranhamente, porém, o que este racionalizar de todo e qualquer desejo acaba tendencialmente por fazer, o excesso de excessos desta cidade de hoje, é lembrar-nos de que aquilo de que realmente estamos sedentos é tudo menos o que encontramos *lá fora*.

Aquilo de que eu, pela minha parte, tenho andado sedento, desde que cá cheguei, há seis semanas, é sentir um determinado estado de espírito. Na altura, não teria sido capaz de exprimir esse sentimento por palavras, mas agora acho que é algo semelhante à sensação de as coisas ainda poderem mudar a qualquer instante.

Em tempos, fui um filho da terra – saltava por cima dos torniquetes do metro, remexia os caixotes do lixo à procura de coisas que ainda tivessem serventia, dormia em estranhos telhados na baixa – e essa sensação era a nota que dava tom à minha vida. Hoje em dia, quando ela me assola, é apenas por brevíssimos instantes. Ainda assim, aceitei tomar conta deste apartamento durante o mês de setembro, na esperança de que isso seja suficiente. Tem a forma de um daqueles blocos de empilhar dos primeiros jogos de vídeo: quarto e sala de estar na parte da frente, depois sala de jantar e quarto principal, com a cozinha na ponta como uma cauda. Enquanto me debato à mesa da sala de jantar com estes comentários introdutórios, o crepúsculo adensa-se do lado de fora das janelas altas, fazendo com que os cinzeiros e os documentos que se empilham à minha frente pareçam de outra pessoa qualquer.

O meu lugar preferido de todos, porém, fica para lá da cozinha, passando por uma porta lateral: um alpendre empoleirado em estacas tão altas que parece que estamos em Nantucket. Madeiras de um verde-banco-de-jardim e, lá em baixo, um tapete de folhas de dois gincgos escanzelados. «Pátio» é a palavra que me apetece usar, embora «conduta de ar» também possa funcionar; os prédios altos de apartamentos emparedam o espaço de maneira que mais ninguém tem acesso a ele. Os tijolos brancos da parede em frente estão a descascar e, ao entardecer, nos dias em que estou a dois passos de desistir por completo do meu projeto, venho sentar-me aqui fora a ver a luz trepar e suavizar-se, enquanto o sol desliza ao longo de mais um céu sem chuva. Deixo o telemóvel tremer no bolso e observo as sombras dos ramos a esticarem-se na direção do azul distante, atravessado pelo rasto cada vez mais gordo de um avião. As sirenes e buzinas e rádios que chegam até mim, vindos das avenidas, são como recordações de sirenes e buzinas e rádios. Por detrás das janelas de outros

apartamentos, acendem-se televisores, mas ninguém se dá ao trabalho de fechar os estores. E começo a sentir, uma vez mais, que as linhas que compartimentaram a minha vida – entre passado e presente, exterior e interior – se estão a dissolver. Que eu próprio posso ainda ser libertado.

Não há nada neste pátio, no fim de contas, que não estivesse cá em 1977; talvez não seja este ano e sim esse outro e tudo o que se segue ainda esteja por vir. Talvez um *cocktail* Molotov esteja a riscar a escuridão, talvez o repórter de uma revista atravesse a correr um cemitério; talvez a filha do artesão do fogo continue empoleirada num banco coberto de neve, insistindo na sua vigília solitária. Porque, se as provas apontam para alguma conclusão, é para a de que não existe uma só Cidade unitária. Ou, se existe, é a soma de milhares de variações, todas elas rivalizando pelo mesmo lugar. Às tantas, eu é que gostaria que assim fosse; no entanto, não posso deixar de imaginar que os pontos comuns entre este lugar e a minha cidade perdida não sararam na totalidade e deixaram as cicatrizes que procuro, palpando, quando lanço a cabeça pela escada de incêndio acima, em direção ao quadrado azul de liberdade mais além. E tu, aí fora, não estás tu de alguma maneira aqui mesmo, comigo? No fim de contas, quem é que não continua a sonhar com um mundo que não este? Quem de entre nós – se isso significa abdicar da insanidade, do mistério, da beleza completamente inútil do milhão de Nova Iorques outrora possíveis – está pronto, mesmo nos tempos que correm, para desistir da esperança?



LIVRO I

ENCONTRÁMOS O INIMIGO
E O INIMIGO SOMOS NÓS¹

[DEZEMBRO DE 1976 – JANEIRO DE 1977]

*A vida na multidão crispou a minha noite;
o beijo da morte, o abraço da vida.*

Television,
«Marquee Moon»

¹ Famosa frase tirada de *Pogo*, uma banda desenhada satírica de Walt Kelly, publicada nos Estados Unidos; a frase parodia uma mensagem enviada em 1813 por Oliver Perry ao general William Harrison, depois de uma importante vitória sobre a Marinha Real Britânica, dizendo: «We have met the enemy and they are ours.» (*N. da T.*)

1

Uma árvore de Natal vinha a subir a Décima Primeira Avenida. Ou melhor, a tentar subir; tendo-se emaranhado num carrinho de compras que alguém abandonara na passadeira, estremecia, eriçava-se e ofegava, prestes a pegar fogo. Ou, pelo menos, foi essa a sensação que Mercer Goodman teve, enquanto se esforçava por resgatar a coroa da árvore da grelha amolgada do carrinho. Ultimamente, tudo estava por um fio. Do outro lado da rua, o cais de cargas e descargas tinha manchas carbonizadas no sítio onde os loucos da zona acendiam fogueiras à noite. As prostitutas que ali apanhavam sol durante o dia observavam-nos por detrás de óculos escuros comprados por tuta e meia e, por um instante, Mercer teve plena consciência do seu aspeto: um negro de bombazina e óculos a fazer de tudo para recuar, enquanto, na outra ponta da árvore, um rapaz branco e desgrenhado, de blusão de motoqueiro, tentava puxar o tronco para a frente aos sacões e o carrinho das compras que se lixasse. Depois, o semáforo mudou de *PARE* para *ATRAVESSE* e, miraculosamente, através de um misto de puxa-empurra, conseguiram soltar-se.

– Eu sei que estás irritado – disse Mercer –, mas podias tentar não ser brusco?

– Estava a ser brusco? – perguntou William.

– Está toda a gente a olhar por tua causa.

Como amigos, ou inclusive como meros vizinhos, eram uma parelha improvável e talvez por isso o indivíduo que geria a venda de árvores dos escuteiros junto do acesso ao Lincoln Tunnel se tivesse mostrado tão hesitante em tocar no dinheiro deles. Também por esse motivo Mercer nunca poderia ter convidado William para ir a casa dos pais conhecer a família e, por conseguinte, tinham de passar o

Natal sozinhos. Bastava olhar para eles, o burguês castanho e pastoso e o *punk* pálido e seco, para perceber: que outra coisa senão o poder oculto do sexo poderia ter unido aqueles dois?

Foi William quem escolheu o maior pinheiro que havia à venda. Mercer urgira-o a ter em conta o estado do apartamento, a rebentar pelas costuras, e a distância de meia dúzia de quarteirões entre a venda e o prédio, mas aquela era a maneira de William o castigar por se ter atrevido a querer uma árvore de Natal. Tirara duas notas de dez do maço que levava no bolso e anunciara sardonicamente, e suficientemente alto para que o tipo das árvores o ouvisse, *Eu levo o rabo*. Por entre as nuvens de vapor da sua respiração, acrescentou:

– Sabes que Jesus nos teria lançado aos dois para dentro de uma fornalha incandescente. Vem... no Levítico, algures, se não me engano. Não vejo qual é a lógica de um Messias que nos manda para o inferno.

Isso não é do Levítico, poderia Mercer ter protestado, além do mais não pecamos juntos há semanas, mas era imperativo não morder o isco. O chefe dos escuteiros estava uns escassos cem metros atrás deles, no fim de um rasto de agulhas de pinheiro.

Aos poucos, os quarteirões foram-se despovoando. O bairro de Hell's Kitchen àquela hora era quase só lotes cheios de lixo e *chassis* de automóveis avariados, com um ou outro homem armado de esponja para limpar os para-brisas dos carros que passavam. Era como se tivesse rebentado uma bomba e restassem apenas os proscritos, o que deve ter sido o grande atrativo do bairro para William Hamilton-Sweeney, por volta do final dos anos 60. Na realidade, tinha mesmo rebentado uma bomba, uns anos antes de Mercer se mudar para lá. Um grupo com um daqueles acrónimos retorcidos de que ele nunca se conseguia lembrar tinha mandado um camião pelos ares, à porta da última fábrica em funcionamento, abrindo caminho para mais *lofts* desconjuntados. O edifício onde eles viviam tinha, numa vida anterior, fabricado rebuçados de mentol da marca *Knickerbocker*. Em certas coisas, pouco mudara: a passagem de comercial para residencial fora feita às três pancadas, provavelmente de forma ilegal, e deixara uma poeira residual incrustada entre as traves do soalho. Por mais que se esfregasse, persistia sempre um cheiro enjoativo a hortelã-pimenta.

Como o monta-cargas estava avariado outra vez, ou ainda, demoraram meia hora a subir os cinco lanços de escadas com o pinheiro. William ficou com o blusão cheio de resina. As telas dele tinham migrado para o *atelier* no Bronx, mas, apesar disso, o único espaço

que havia para a árvore era à frente da janela da zona da sala de estar, onde os ramos tapavam o sol. Mercer, já prevenido disso, colocara na bancada algumas provisões para animar as coisas – luzes para fixar na parede, um pano decorativo para a base da árvore e uma embalagem de gemada sem álcool –, mas William ignorou-as e sentou-se, amuado, no *futon*, a comer gomas de uma taça, com *Eartha K.*, a gata, empoleirada no peito, toda satisfeita.

– Pelo menos, não compraste um presépio – disse ele, o que magoou Mercer, em parte, porque estava nesse instante a vasculhar debaixo do lava-louça, em busca das figurinhas dos reis magos que a mãe tinha enviado na sua encomenda.

O que encontrou em vez delas foi a pilha de correio, que era capaz de jurar que tinha deixado de manhã, bem à vista, em cima do radiador. Normalmente, Mercer não teria tolerado tal coisa – era incapaz de passar por uma das bolas de pelo de *Eartha* sem ir buscar a pá e a vassoura –, mas um certo envelope por abrir estivera ali a supurar durante uma semana, entre os segundos e terceiros avisos da Americard Family of Credit Cards, passe a redundância, e tivera esperança de que esse fosse finalmente o dia em que William abrisse os olhos e o visse. Reorganizou a pilha para que o dito envelope ficasse no cima. Voltou a pousá-la no radiador, mas já o seu amante estava a levantar-se para deitar gemada sobre o monte de gomas verdes, como se fossem uns cereais futuristas.

– O pequeno-almoço dos campeões – disse ele.

A verdade era que William tinha uma espécie de dom genial para não ver o que não queria ver. Outro exemplo que vinha mesmo a calhar: nesse dia, véspera de Natal de 1976, fazia dezoito meses que Mercer chegara a Nova Iorque, vindo da povoaçãozinha de Altana, na Georgia. *Ah, eu conheço Atlanta*, costumavam garantir-lhe as pessoas, com alegre condescendência. *Não*, corrigia ele – *Al-ta-na* –, mas, com o tempo, acabou por perder a paciência para explicar. A simplicidade era mais fácil do que a exatidão. No que tocava às pessoas da sua terra, ele partira para norte para dar aulas de Inglês no Colégio Feminino Wenceslas-Mockingbird, em Greenwich Village. Por detrás disso encontrava-se, claro está, o seu desejo ardente de escrever o Grande Romance Americano (que se mantinha em combustão, ainda que em sentido diferente). E por detrás *disso*... bom,

a maneira mais simples de pôr as coisas era dizer que tinha conhecido uma pessoa.

O amor, como Mercer o compreendera até então, envolvia enormes campos gravitacionais de dever e desaprovação que pesavam sobre as partes implicadas e transformavam até uma conversa de chacha numa luta agreste para se conseguir respirar. E, de repente, ali estava uma pessoa que era capaz de não responder aos seus telefonemas durante semanas, sem sentir a mínima necessidade de pedir desculpa. Um branco que andava pela Rua 125 como se fosse dono dela². Um tipo de trinta e três anos que ainda dormia até às três da tarde, mesmo depois de terem começado a viver juntos. O empenho de William em fazer exatamente aquilo que queria, quando queria, tinha sido, a princípio, uma revelação. De repente, era possível separar o amor da *gratidão*.

Mais recentemente, porém, começara a parecer que o preço da libertação era uma recusa em olhar para trás. William não era capaz de falar sobre a sua vida pré-Mercer senão de uma maneira extremamente vaga: o período de dependência da heroína no início dos anos 70, que o deixara com o seu insaciável gosto por doces; as pilhas de quadros que se recusava a mostrar a Mercer ou a qualquer outra pessoa que os pudesse ter comprado; o grupo implodido de *rock* cujo nome, Ex Post Facto, ele gravara com um cabide de arame nas costas do blusão de motoqueiro. E a família? Silêncio total. Durante muito tempo, Mercer nem sequer fizera a ligação entre William e os Hamilton-Sweeneys, o que era mais ou menos como conhecer Frank Tecumseh Sherman e não se lembrar de perguntar se tinha alguma coisa a ver com a família do general³. William ainda ficava petrificado sempre que alguém mencionava a Hamilton-Sweeney Company na sua presença, como se tivesse acabado de encontrar uma unha na sopa e tentasse tirá-la sem alarmar nenhum dos convivas à mesa. Mercer dizia para si próprio que os seus sentimentos não teriam mudado absolutamente nada, se William se chamasse Doe ou Dinkelfelder. E, no entanto, era difícil não ficar curioso.

E isto foi antes das comemorações mistas do Chanucá e do Dia de Ação de Graças no colégio, no início do mês, que contaram com um desfile ao qual o diretor da escola praticamente obrigara os professores

² Rua de Harlem, um bairro predominantemente negro. (*N. da T.*)

³ William Tecumseh Sherman, general que se destacou pela sua capacidade de liderança na Guerra Civil Americana. (*N. da T.*)

todos a assistir. Ao fim de quarenta minutos de espetáculo, estava Mercer a tentar distrair-se lendo o elenco infundável do programa, quando um nome lhe saltou à vista. Passou o dedo sobre as letras, à luz fraca do auditório: Cate Hamilton-Sweeney Lamplighter (Coro infantil). Normalmente, Mercer lidava só com os últimos anos do secundário – com os seus vinte e quatro anos, era o professor mais jovem do liceu e, ainda por cima, o único afro-americano, e as meninas mais pequenas comportavam-se como se achassem que ele era uma espécie de contínuo bem vestido –, mas, depois de o pano cair, foi ter com uma colega que dava aulas à pré-primária. Ela apontou para um grupo de duendes ecuménicos perto da porta dos bastidores. Pelos vistos, a tal «Cate» era um deles. Isto é, *deles*.

– E sabes se por acaso há algum William na família dela?

– Estás a falar do irmão dela, o Will? Ele anda no primeiro ou no segundo ano do ciclo, se não me engano, numa escola na alta. É mista, por isso não sei porque é que a Cate não anda lá também. – A colega pareceu cair em si. – Porque é que perguntas?

– Oh, por nada – respondeu, virando-se para se ir embora. Era exatamente o que ele pensara: um engano, uma coincidência que já se esforçava por esquecer.

Mas não foi Faulkner quem disse que o passado nem sequer é passado? Na semana anterior, no último dia do período letivo, depois de a última menina dilatária com bolsa de estudos ter entregado o último exame final, uma mulher branca de semblante nervoso aparecera-lhe inesperadamente à porta da sala de aulas. Tinha aquela aura radiosa de jovem mãe – a saia que envergava provavelmente custara mais do que o guarda-roupa inteiro de Mercer –, mas havia mais qualquer coisa nela que lhe dava um ar familiar, embora ele não fosse capaz de dizer o quê.

– Precisa de ajuda?

Ela comparou o papel que levava na mão com o nome dele na porta.

– Sr. Goodman?

– Sou o próprio. – Ou *É o próprio*? Não tinha a certeza. Cruzou as mãos em cima da secretária e tentou assumir um ar não-ameaçador, como costumava fazer quando tinha de lidar com mães.

– Não sei como dizer isto de uma maneira delicada. A Cate Lamplighter é minha filha. A professora dela disse que o senhor lhe fez umas perguntas no fim do desfile da semana passada.

– Oh, meu Deus. – Mercer corou. – Foi um equívoco. Mas peço desculpa se... – Foi então que reparou: o queixo afilado, os olhos azuis sobressaltados. Ela podia ter sido William em versão feminina, só que o cabelo dela era castanho-acobreado em vez de preto e usava-o num penteado simples, cortado a direito pela altura do queixo. E, claro, destacava-se pela roupa elegante.

– Julgo que as suas perguntas se referiam ao tio da Cate, a quem fomos buscar o nome para o irmão dela, embora ele não o saiba, já que nunca o conheceu. Nunca conheceu o meu irmão, quero eu dizer. William Hamilton-Sweeney. – A mão que ela estendeu, ao contrário da voz, era firme. – Sou a Regan.

Cuidado, pensou Mercer. Ali, em Mockingbird, o facto de ter um cromossoma Y era um risco e, independentemente do que tinham dito quando o contrataram, ser negro também. Navegando entre a espada e a parede, entre o de mais e o de menos, trabalhara muito para projetar uma aura de assexualidade reservada. No que tocava aos seus colegas de trabalho, ele vivia sozinho, na companhia dos seus livros. Ainda assim, saboreou o nome dela na boca: «Regan.»

– Posso perguntar-lhe qual é o motivo do seu interesse pelo meu irmão? Ele não lhe deve dinheiro, deve?

– Oh, não, não, nada disso! Ele é... um amigo. Eu é que não sabia que ele tinha uma irmã.

– Nós não nos damos. Há anos que não nos falamos. Aliás, não faço a mínima ideia de como o encontrar. Detesto incomodar, mas será que eu podia deixar isto consigo? – Aproximou-se para deixar qualquer coisa em cima da secretária e, quando se afastou, uma pontadzinha de dor perpassou Mercer. Do meio do grande mar silencioso que era o passado de William, surgira um mastro, para logo de seguida recuar em direção ao horizonte.

Espera, pensou ele.

– Ia agora mesmo à sala dos professores buscar um café. Quer?

No rosto dela demorou-se um sentimento de inquietude, ou de tristeza, abstrata mas penetrante. Regan era extremamente atraente, ainda que a puxar para o magro. A maior parte dos adultos quando estavam tristes pareciam retrair-se e envelhecer e perder a beleza; talvez fosse uma espécie de forma de adaptação, um traço evolutivo no sentido de criar aos poucos uma raça superior de homínídeos emocionalmente insensíveis, mas, se assim era, esse gene não se materializara nestes Hamilton-Sweeneys.

– Não posso – disse ela, por fim. – Tenho de ir levar os meus filhos a casa do pai. – Apontou para o envelope. – Se puder, se por acaso vir o William antes do fim do ano, dê-lhe isso e diga-lhe... diga-lhe que preciso dele lá, este ano.

– Precisa dele onde? Desculpe. Não é da minha conta, como é óbvio.

– Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Goodman. – Ela deteve-se à porta. – E não se preocupe com as circunstâncias. Fico feliz por saber que ele tem alguém.

Antes que Mercer tivesse tempo de lhe perguntar o que estava a insinuar, já ela se fora embora. Ele esgueirou-se para o corredor para a ver partir, com os saltos tiquetaqueando pelos quadrados de luz nos mosaicos. Depois, baixou os olhos para o envelope selado que tinha nas mãos. Não trazia selo, apenas um retalho de tinta corretora no sítio onde deveria estar a morada e a caligrafia apressada a dizer *William Hamilton-Sweeney III*. Mercer não sabia que o nome dele tinha um numeral romano.

Acordou no dia de Natal a sentir-se culpado. Mais umas horas de sono talvez o tivessem ajudado, mas anos de ritual pavloviano impediam-no de dormir. A mãe costumava entrar nos quartos deles, quando ainda era de noite, e atirar meias empanturradas de laranjas e bugigangas da loja das pechinchas para os pés da sua cama e da de C.L., e depois fingia-se surpreendida por os filhos acordarem. Agora que era teoricamente adulto, não havia meias e Mercer ficou deitado ao lado do amante durante o que lhe pareceu uma eternidade, a ouvi-lo rressonar e a ver a luz avançar pela parede de pladur. William montara-a à pressa para criar um recanto para dormir no espaço completamente aberto do *loft* e acabara por nunca se dar ao trabalho de a pintar. Além do colchão, as únicas cedências à domesticidade eram um autorretrato inacabado e um espelho de corpo inteiro, virado de lado para ficar paralelo à cama. Pormenor constrangedor: às vezes, apanhava William a ver-se ao espelho enquanto estavam *in flagrante*, mas era uma daquelas coisas sobre as quais Mercer sabia que não devia fazer perguntas. Porque é que não conseguia simplesmente respeitar esses momentos privados? Em vez de os respeitar, sentia que eles o pressionavam cada vez mais até que, para proteger os segredos de William, ele próprio começava também forçosamente a acalentar segredos.

Mas, vá, o objetivo do Natal era precisamente acabar com as introspeções. A temperatura caíra a olhos vistos e o agasalho mais quente que William tinha era o blusão dos Ex Post Facto, por isso Mercer decidira oferecer-lhe uma *parka*, um invólucro de calor que o envolvesse aonde quer que fosse. Reservara cinquenta dólares de cada um dos seus últimos cinco salários e fora ao Bloomingdale's ainda ataviado com aquilo a que William chamava o seu disfarce de professor – gravata, *blazer* com remendos nos cotovelos –, mas aparentemente isso não o ajudara a convencer os funcionários de que era um cliente legítimo. Aliás, um detetive da loja, com um bigodinho de roedor, seguira-o da secção dos agasalhos à da roupa de homem e daí até ao vestuário formal. Mas talvez isso tenha sido providencial, caso contrário Mercer podia não ter encontrado o sobretudo. Era lindo, em tom *camel*, como que feito com o pelo macio de gatinhos. Quatro botões e três bolsos interiores, para guardar pincéis e canetas e cadernos de esquissos. O colarinho, o cinto e o corpo eram de três tons diferentes de pele de carneiro. Era suficientemente extravagante para que William talvez o usasse e brutalmente quente. E exorbitantemente caro para o bolso de Mercer, mas uma espécie de rebelião arrebatada ou arrebatamento rebelde levou-o para a caixa registadora e daí para a banca onde faziam embrulhos, onde o envolveram em papel gravado com montes de *B* dourados. Estava há uma semana e meia escondido debaixo do *futon*. Incapaz de esperar mais tempo, Mercer fingiu um ataque de tosse e, daí a nada, William estava acordado.

Depois de fazer o café e ligar as luzes da árvore, Mercer pousou a caixa no colo de William.

– Meu Deus, que peso.

Mercer sacudiu um pedaço de cotão.

– Abre-a.

Observou William atentamente, quando a tampa soltou uma lufadazinha de ar e o papel de seda restolhou.

– Um casaco. – William tentou dotar a frase de um ponto de exclamação, mas toda a gente sabia que dizer o nome da prenda era o que as pessoas faziam quando ficavam desiludidas.

– Prova-o.

– Por cima do roupão?

– Vais ter de o experimentar, mais cedo ou mais tarde.

Foi só aí que William começou a dizer as coisas certas: que precisava de um casaco, que era lindo. Desapareceu no recanto de dormir,

onde se demorou uma inesperada eternidade. Mercer quase o conseguia ouvir a virar-se e revirar-se à frente do espelho inclinado, a tentar decidir como é que se sentia. Por fim, a cortina de missangas abriu-se novamente.

– É espetacular – disse.

Tinha um ar espetacular, pelo menos. Com o colarinho revirado para cima, destacava as belas feições de William, a aristocracia natural das suas maçãs do rosto.

– Gostas?

– O fantástico casaco colorido⁴. – William fez uma série de gestos empolados, dando palmadinhas nos bolsos, rodopiando para a câmara. – É como vestir um *jacuzzi*. Mas agora é a tua vez, Merce.

Do outro lado do *loft*, gambiarras piscavam tenuemente contra a luz do meio-dia. O pano da base da árvore de Natal não tinha nada em cima, a não ser uns pelos de gato e umas agulhas de pinheiro. Mercer abrira a prenda da mãe na noite anterior, enquanto falava com ela ao telefone, e percebera, pela maneira como ela assinara os nomes deles na etiqueta, que C.L. e o pai se tinham esquecido de lhe enviar uma prenda, ou decidido não o fazer. Preparara-se para a hipótese muito provável de William também não lhe ter comprado nada, mas, nesse momento, William desencantou do recanto de dormir um embrulho que fizera com papel de jornal às três pancadas, como se estivesse bêbado.

– Sê meigo – disse ele, pousando-o no chão.

Alguma vez Mercer fora outra coisa que não meigo? Assolou-o um cheiro a óleo para armas, quando retirou o papel e deparou com uma grelha de ordeiras teclas brancas: uma máquina de escrever.

– É elétrica. Encontrei-a numa loja de penhores na baixa, impecável como se fosse nova. Dizem que é muito mais rápida do que uma normal.

– Não era preciso – disse Mercer.

– A tua máquina é uma porcaria. Se fosse um cavalo, já a tinhas abatido.

Não, não era *mesmo* preciso. Embora Mercer ainda não tivesse arranjado coragem para dizer a William, o lento desenvolvimento do seu trabalho em curso – ou melhor, a falta de desenvolvimento – não

⁴ Referência ao musical *Joseph and the Amazing Technicolor Dreamcoat* – *José o Sonhador e o Seu Fantástico Casaco Colorido*, da autoria de Andrew Lloyd Weber e Tim Rice. (N. da T.)

tinha nada que ver com o equipamento técnico, pelo menos não num sentido convencional. Para evitar mais dissimulação, abraçou William. O calor do seu corpo até o casaco sumptuoso atravessou. Nesse instante, William deve ter captado um vislumbre do relógio do fogão.

– Merda. Importas-te que ligue a televisão?

– Não me digas que há jogo. É feriado.

– Eu sabia que ias compreender.

Mercer tentou sentar-se uns minutos a ver o amado desporto de William, mas, para ele, futebol na televisão era uma coisa tão desinteressante, ou inclusive ininteligível em termos de narrativa, como um circo de pulgas, por isso levantou-se e foi à *kitchenette* tratar das outras estações da cruz natalícia. Enquanto a multidão sibilava e os anunciantes apregoavam as virtudes de giletes de lâmina dupla e de massa com queijo *Velveeta*, Mercer cobriu o pernil de porco com molho, cortou a batata-doce e abriu uma garrafa para o vinho respirar. Ele próprio não bebia – vira o que isso fizera ao cérebro de C.L. –, mas achou que um *chianti* poderia ajudar a infundir o espírito natalício em William.

O calor intensificou-se por cima do fogão de dois bicos. Mercer abriu a janela, assustando uns pombos que se tinham instalado lá fora, no seu canteiro de gerânios invernalmente despojado. Na realidade, era um bloco de cimento e não propriamente um canteiro. Os pombos desceram a pique pelos desfiladeiros das antigas fábricas, ora desaparecendo nas sombras, ora explodindo na luz. Quando olhou para William, o sobretudo estava novamente guardado na caixa pousada no chão, ao lado do *futon*, e o saco enorme de gomas ia praticamente no fim. Sentiu que se estava a transformar na sua mãe.

No intervalo, sentaram-se com os pratos equilibrados nos joelhos. Mercer achara que, por haver uma pausa na ação, William desligaria o televisor, mas ele nem sequer baixou o som nem desviou os olhos.

– Os inhames estão um espetáculo – disse ele. A par do *reggae* e da Noite dos Amadores no Apollo⁵, a *soul food*⁶ era uma das afinidades eletivas de William com a negritude. – Preferia que não ficasses espedado a olhar para mim assim.

– Assim, como?

– Como se eu tivesse matado o teu cachorrinho. Lamento muito se o dia de hoje ficou aquém do que tinhas idealizado.

⁵ Concurso de talentos que se realiza, desde 1934, no Teatro Apollo em Nova Iorque; quando abriu, era uma meca de entretenimento para a comunidade negra de Harlem. (*N. da T.*)

⁶ Cozinha afro-americana, geralmente associada à gastronomia do Sul dos EUA. (*N. da T.*)

Mercer não se apercebera de que estava espedado a olhar. Desviou os olhos para a árvore, que começava a ficar ressequida na sua base de alumínio.

– É o primeiro Natal que passo longe de casa – disse. – Se o facto de tentar preservar algumas tradições faz de mim um fantasista, então sou um fantasista.

– Não achas que diz tudo tu ainda te referires à casa dos teus pais como se fosse a *tua* casa? – William limpou um canto da boca com o guardanapo. Os modos dele à mesa, incongruentes, lindos, deviam ter sido uma pista para Mercer logo no início. – Somos homens adultos, Merce. Criamos as nossas próprias tradições. O Natal podiam ser doze noites na *boîte*. Podíamos comer ostras todos os dias ao almoço, se quiséssemos.

Mercer não percebeu até que ponto ele estava a ser sincero ou se queria simplesmente ganhar a discussão.

– Ostras, William? Por favor.

– Vamos pôr as cartas na mesa, meu querido. Isto tem que ver com o envelope que ainda não paraste de pôr à frente dos meus olhos, não tem?

– E então, não o vais abrir?

– Para quê? Não traz nada lá dentro que me faça sentir melhor do que já sinto. Que *raio!*

Mercer demorou um segundo a perceber que William estava a dirigir-se ao jogo de futebol, onde um dissabor qualquer anunciara o começo do terceiro quarto.

– Sabes o que eu acho? Acho que já sabes o que está no envelope. – Tal como Mercer sabia, na verdade. Ou, pelo menos, tinha as suas suspeitas. Pegou no envelope e segurou nele na direção do televisor; uma sombra aninhava-se provocadoramente no interior, como o segredo no coração de uma radiografia. – Acho que é da tua família.

– O que eu queria saber é como é que ele veio aqui parar sem selo.

– E o que eu queria saber é por que motivo é uma ameaça tão grande.

– Não consigo falar contigo quando estás assim, Mercer.

– Porque é que eu não posso querer seja o que for?

– Sabes perfeitamente que não foi isso que eu disse.

Foi a vez de Mercer se perguntar até que ponto as palavras que lhe saíram da boca eram sinceras ou se queria simplesmente ganhar a discussão. Conseguia ver, nas margens, as panelas, a estante de livros arrumados por ordem alfabética, a árvore, tudo cedências físicas que

William fizera em prol dele, era verdade. Mas, e emocionalmente? De qualquer maneira, já falara demasiado e agora não dava para voltar atrás.

– Eu digo-te o que é que tu queres: que a tua vida fique exatamente como é, enquanto eu me torço todo à tua volta como uma trepadeira.

Nas faces de William surgiram pintinhas claras, como acontecia sempre que se quebrava a fronteira entre a sua vida interior e exterior. Por um segundo, pareceu capaz de se lançar por cima da mesinha de apoio. E, por um segundo, Mercer talvez tivesse gostado que ele o fizesse. Talvez lhe provasse que ele era mais importante para William do que a sua autocontenção e teria sido tão fácil passarem de uma luta corpo a corpo, de raiva, para aquele outro tipo, mais doce, de corpo a corpo. Em vez disso, William pegou no sobretudo novo.

– Vou sair.

– É Natal.

– Essa é mais uma coisa que podemos fazer, Mercer. Podemos estar sozinhos, não precisamos de estar sempre juntos.

Mas *Solitas radix malorum est*, pensaria Mercer mais tarde, em retrospectiva. A porta fechou-se, deixando-o sozinho com a comida praticamente intacta. O apetite também o abandonara. Havia qualquer coisa de escatológico na luz ténue da tarde, tornada ainda mais ténue pela árvore e pela camada de fuligem que recobria a janela, e no frio que soprava pela nesga que deixara aberta. Sempre que passava um camião, as pontas esfiapadas da manga de vime da garrafa de vinho tremiam como as agulhas de um sofisticado sismómetro. Sim, tudo, a nível pessoal, a nível da história mundial, se desintegrava. Fingiu durante uns minutos que se distraía com o fluxo de camisolas no ecrã. Na realidade, porém, esgueirara-se novamente para dentro do seu crânio, munido de ínfimas chaves de porcas, para fazer o tipo de ajustes que lhe permitiriam continuar a viver assim, com um namorado capaz de lhe virar as costas no dia de Natal.